



www.enaphem.com



Aspectos teóricos e aproximações entre escrita biográfica e ficção

Theoretical aspects and approximations between biographical writing and fiction

*Jean Sebastian Toillier*¹

*Ivete Maria Baraldi*²

Resumo

No presente texto trazemos apontamentos sobre possíveis aproximações entre a escrita biográfica e a ficção. Para isso, fazemos uma breve contextualização sobre biografias, como elas eram abordadas na Antiguidade e qual o status que passaram a receber a partir da Escola dos Annales até os dias atuais. Ao longo dos anos, os aspectos subjetivos passaram a fazer parte de um modo de escrita de biografias, bem como da escrita da história, de forma que os aspectos inventivos e ficcionais são levados em conta nessa nova historiografia. Por fim, relacionamos esse estudo como uma possibilidade para a pesquisa em História da Educação Matemática e como acreditamos ser possível fazer esse tipo de relação ao levar em conta, por exemplo, perspectivas relativas ao estudo da produção acadêmica de uma personagem.

Palavras-chave: Biografia; Invenção; História da Educação Matemática.

Introdução

“Escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender” (Dosse, 2015, p. 11).

A escrita biográfica assume um caráter híbrido (DOSSE, 2015). Sua tensão está inserida em uma região comum entre a vontade de reproduzir o real vivido e a imaginação do biógrafo. Se torna inevitável o uso da ficção para a composição da vida do biografado, já que não há a possibilidade de uma narração que abarque a completude de uma vida (DOSSE, 2015). Assim, nosso objetivo é discutir essas

¹ Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), câmpus de Cascavel, vinculado ao Centro de Ciências Exatas e Tecnologias. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Rio Claro. E-mail: jeantoillier7@gmail.com.

² Docente do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru. Docente e orientadora nos programas de pós-graduação em Educação Matemática (Rio Claro) e Educação para Ciências (Bauru) na Unesp. E-mail: ivete.baraldi@unesp.br.

aproximações entre a escrita biográfica e a ficção e de que modo podemos vinculá-las aos estudos em História da Educação Matemática³.

Relações entre escrita biográfica e ficção

A biografia se aproxima tanto de um gênero histórico quanto de um gênero literário. Para Sabina Loriga (2011), a biografia sempre buscou um equilíbrio entre a verdade histórica e a verdade literária, o que não torna possível criar regras gerais, tendo em vista seu caráter de constante modificação relacionado à escolha de quem narrar, dos fatos a serem contados e o estilo da escrita. Muitos autores seguem uma ordem cronológica de narração de uma existência biológica, já outros priorizam os momentos-chave ou uma ênfase no caráter e nas qualidades morais do indivíduo (Loriga, 2011) e essas concepções foram alvo de mudanças ao longo do tempo.

A biografia é um dos gêneros literários mais consumidos na atualidade, com obras que podem ter diversas características, que vão desde os aspectos especulativos até aqueles que trazem narrações totalizantes de uma vida. Ela passou por diversas fases, por exemplo, a idade heroica (Dosse, 2015). Seu predomínio foi da Antiguidade até a época moderna e nele a biografia tinha como objetivo essencial identificar a personagem, com a apresentação de virtudes e com a função de ser um modelo moral edificante, a fim de educar e servir de exemplo para as gerações futuras. Estava pautada, principalmente, em uma escrita para o futuro, exaltando os heróis e depois as virtudes religiosas, como a vida dos santos. Assim, biografia objetivava uma maneira de consagrar alguma figura pública, com um caráter de homenagem e sinalizava para o desejo de imortalizar uma determinada personagem (Avelar, 2012). Durante esse período, várias figuras tiveram sua vida narrada, por exemplo, os santos (hagiografias), imperadores e os grandes heróis da pátria (Dosse, 2015).

Com essas características, a biografia não encontrava uma legitimidade na pesquisa histórica (Dosse, 2015) e podemos afirmar que essas características existem até os dias atuais, seja pelo caráter de algumas biografias produzidas, seja pelo legado que carregou por muitos anos, nas quais predominava o tom de homenagem e uma narrativa que enfatizava a figura do herói.

A Escola dos Annales foi uma das responsáveis por uma mudança de paradigma na escrita biográfica. O novo regime de historicidade que emergiu a partir da década de 1920 muda o status da biografia. Enquanto antes ela era parte da História Magistrae, ou seja, um regime de historicidade em que a narração histórica era feita pensada para uma elaboração e preparação para o futuro, agora ela passa a fazer parte de um regime que faz opção pelos fenômenos sociais de massa o que diminui o peso dos indivíduos na história (Dosse, 2015).

A partir da década de 1960, a escrita biográfica passou a ser encarada de outra maneira, de forma a acontecer um movimento de reabilitação biográfica. Conforme Avelar (2012), começaram a existir críticas em relação a uma escrita totalizadora de uma vida, a fim de recuperar a feição humana do biografado. Os trabalhos que envolviam essa forma de escrita passaram a ser mais rigorosos, com

³ Cumpre lembrar que a discussão apresentada é parte integrante de uma pesquisa de doutorado do Programa de Pós-Graduação Matemática (Ppgem) da Unesp, campus de Rio Claro, que visa compreender como se a constituição em uma educadora matemática de Lourdes de la Rosa Onuchic e, para isso, fazemos o uso de uma escrita biográfica.

uma capacidade de elucidar as tensões que existiam entre as ações humanas e as estruturas sociais, o que levou a aproximações entre a história e o homem, de modo a existir uma relação dialética e processual.

Para Avelar e Schmidt (2018), as biografias passaram por um processo de democratização, onde não apenas as grandes figuras são enaltecidas e as virtudes de uma vida são tratadas, ou seja, daqueles que deveriam ser conhecidos pelas futuras gerações e que serviriam como modelos. A confrontação entre fontes e a subjetividade que percorre o viver passaram a fazer parte das narrativas biográficas.

Dosse (2015) acredita que desde a metade final do século XX vivemos o que ele chama de Idade Hermenêutica na escrita biográfica. Em seus estudos, o autor separa essa fase em duas vias. Na primeira, a unidade é dominada pelo singular de modo que “a pergunta sobre o que é o sujeito e os processos de subjetivação alimenta essa renovação da escrita biográfica, que a nosso ver já entrou na era hermenêutica, a da reflexividade” (Dosse, 2015, p. 229). Já a segunda é pensada na pluralidade das identidades, na qual a multiplicidade do ser é representada e a linearidade da narrativa biográfica já não é considerada intocável, uma vez que o homem é entendido na sua pluralidade, com diversos vínculos.

Para Albuquerque Júnior (2012), o indivíduo passa a ter outra configuração para a escrita biográfica, uma vez que ele é atravessado por vários processos, que faz com que isso o molde e o transforme completamente. “Narrar uma vida hoje implica narrar as suas relações de semelhanças e diferenças com outros, sejam estes outros os humanos ou as mais diversas estruturas sociais que os moldam e os condicionam” (Albuquerque Jr., 2012, p. 33). É inseparável pensarmos a vida do biografado com a época em que ele vive e com as interferências sociais que sofre.

Avelar (2010) ressalta que é comum na prática dos historiadores a intenção de escrever um discurso próximo da verdade a partir de uma mobilização de fontes, o que se constitui em um percurso da pesquisa biográfica. Contudo, algo inevitável é a existência de lacunas no intento do biógrafo e permanecerá um relato homogêneo, pautado em uma existência descontínua e fragmentada do biografado (Avelar, 2012). O que foi elaborado estará submetido a uma pluralidade de olhares, referências e perspectivas. Assim, conforme Dosse (2015, p. 346)

Reconhecendo o caráter plural, construído na narração, da identidade pessoal, o biógrafo procura estudar as metamorfoses do sentido de identidade narrativa do sujeito biografado. Ele não mais se contenta com restituir a personagem em sua verdade factual, que só constitui o primeiro nível, indispensável, daquilo que Paul Ricoeur chama de nível documental da operação historiográfica ou, ainda, o plano infrassignificativo do acontecimento estudado. Após essa primeira fase ligada ao arquivo, à crítica interna e externa das fontes, e após uma segunda fase de esclarecimento desses elementos, de pesquisa causal, resta um terceiro domínio, recentemente aberto graças a uma verdadeira reviravolta historiográfica, que consiste em indagar a respeito do desenvolvimento de sentidos plurais que a personalidade biografada carrega na história até nossos dias. Convém então interrogar todos os traços de memória que fazem uso dessa figura, tanto no plano discursivo como no da imagem. Surgem então momentos diferentes de cristalização, de fixação de indivíduos que podem assumir um valor lendário ou mitológico.

Os diferentes momentos de cristalização dão margem a uma perspectiva

ficcional de escrita de uma biografia, ou seja, um momento onde o biógrafo, a partir de uma imersão em suas fontes, busca uma atribuição de sentidos e é conduzido para um movimento de elaboração de uma versão histórica do sujeito biografado, o que carrega em seu seio o aspecto inventivo pautado na pluralidade de olhares.

Quando apontamos para o aspecto inventivo e ficcional da escrita da história nos baseamos em um movimento que prioriza dizer sobre versões históricas, uma escrita que, pautada numa busca intensa por explicações, consiga atribuir significados possíveis e plausíveis para um determinado período, vida(s) ou instituições. São as várias versões históricas que surgem, que emergem dessa investigação e para qual intencionamos dar um sentido ao que aconteceu no passado. Ou seja, não significa que utilizaremos elementos falsos, mas que o processo de entendimento das subjetividades permeará um caráter inventivo e ficcional que faz parte da escrita da história. Até mesmo, ao adentrar na vida íntima do biografado existe um contrato implícito com o leitor sobre a autenticidade do que é escrito, pois a ficção não ignora a verdade (Dosse, 2015).

A ideia que constituímos para a escrita da história tem como base os pressupostos teóricos do Grupo de História Oral e Educação Matemática (Ghoem), de modo que, conforme ressaltado por Garnica (2018), acentue a pluralidade nos trabalhos, em um sentido de verdades, constituídas a partir de uma variedade de métodos possíveis para sua construção, o que leva a pensar em narrativas plausíveis de serem elaboradas e que deixa em segundo plano a criação da verdade singular. Esse mesmo autor aponta que essa forma de pensar a história faz com que constantemente nos acompanhe a ideia de processos inventivos, que são reguladas em processos discursivos e legítimos para a prática do historiador.

Essa busca pelo aspecto inventivo da história faz com que o pesquisador tenha em seus processos uma ampla ideia investigativa, pensando nas descontinuidades para a escrita da história (Albuquerque Jr., 2007), o que faz que ocorram rupturas com ideias pré-concebidas e leva a um modo de entendê-la a partir das singularidades.

Ao elaborar uma história a intenção é criar uma rede de significados, em que cada fio que compõe essa construção seja coerente. Desse modo, White (2001) afirma que a escrita da história se dá a partir de uma imaginação construtiva, na qual o historiador quer dar sentido ao que ocorreu e às marcas do passado. Segundo o autor, isso faz com que o historiador até mesmo dê o tom da narração, apelando para o drama ou para a comédia. Por isso que a escrita da história se aproxima de uma operação literária, com a construção de uma trama que tem um enredo constituído por personagens e cenários, onde há uma atribuição de significados plausíveis, mas que afirma o papel de busca de uma verdade. O historiador faz aproximações, de modo que os processos e as estruturas históricas demonstrem que sua narrativa é construída com propriedade (White, 2001). Assim, apesar de ser um momento permeado por uma investigação séria e consciente, a completude da narração de um evento histórico é questionada e se torna um exercício impossível, pois é algo que deixa lacunas, onde outros pontos de vista aparecem e constituem um modo de pensar em versões históricas, de tal maneira que cada leitor possa interpretar. Além disso, esse aspecto ficcional, que circunda a escrita da história, se faz ainda mais presente dado o momento que se utilizam fontes distintas e o historiador possui o poder de afirmar que uma fonte é mais potente que a outra, que uma é mais esclarecedora e traz mais elementos, segundo

sua interpretação, para o exercício analítico que propõe (White, 2001).

A partir de significados simbólicos que são construídos, a narrativa histórica aponta para a direção do pensamento e serve como um modo de nos familiarizarmos com os acontecimentos do passado (White, 2001). Com base nisso, passamos, enquanto leitores, a construir cenários e personagens através da imaginação. Ambos são reais, existem ou existiram em uma determinada época, mas é com a escrita da história que eles são imortalizados.

Breves considerações

Executar uma escrita biográfica é um exercício em que deve existir um cuidado extremo por parte do biógrafo para que não recaia em um exercício que não se tensione pontos de uma vida que podem merecer um destaque, ou seja, é entender as subjetividades que fazem parte da individualidade de um ser que faz parte de um meio social carregado por marcas do tempo.

Acreditamos ser possível esse tipo de exercício em pesquisas na História da Educação Matemática, ou seja, que estudem uma trajetória de uma personagem à luz de teorias que nos possibilitem entender, por exemplo, a constituição da Educação Matemática como área de pesquisa, ou os movimentos que fizeram parte dessa História a partir da ótica de uma personagem, entre tantos outros aspectos. Para isso, um caminho é pensar na individualidade do sujeito narrado dados seus traços de personalidade para poder fazer relações com sua obra (Dosse, 2015). Ao pesquisar essas personagens a busca de sentido que daremos tem por efeito “[...] interrogar de novo que coisa poderia tecer a unidade ou a discordância entre um pensamento da vida e uma vida consagrada ao pensamento” (Dosse, 2015, p. 364). Se trata de fazer uma busca que entrelace tanto os percursos intelectuais como a dimensão racional e a dimensão existencial do sujeito biografado.

Referências

- Albuquerque Jr., D. M. (2012) O significado das pequenas coisas: História, prosopografia e biografemas. In: Avelar, A. S. & Schmidt, B. B. (Org). *Grafia de vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz. p. 15-38.
- Avelar, A. S. A. (2010) *Biografia como Escrita da História: Possibilidades, limites e tensões*. Dimensões. Vitória, v. 24, p. 157-172.
- Avelar, A. S. (2012) Escrita biográfica, escrita da História: Das possibilidades de sentido. In: Avelar, A. S. & Schmidt, B. B. (Org). *Grafia de vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz. p. 15-38.
- Avelar, A. S. & Schmidt, B. B. (Org). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- Dosse, F. (2015) *O desafio biográfico: Escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Garnica, A. V. M. (2018) Quase-Memória: Redizeres sobre a relação entre História e Educação Matemática. *HISTEMAT – Revista de História da Educação Matemática*, v. 4, n. 1, p. 39-58.

Loriga, S. (2011) *O pequeno x: Da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica.

White, H. (2001) *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2 ed. São Paulo, Editora da USP.